

NATUREZA E SOCIEDADE: CURRÍCULO, FORMAÇÃO COGNITIVA E PSICOGENÉTICA

Bárbara de Souza Ancelmo Alves ¹
Abigail dos Santos da Silva ²
Daniela Santana Reis ³

RESUMO

O presente artigo objetiva investigar os reflexos que a temática natureza e sociedade exerce durante o a formação cognitiva e psicogenética da criança, com base na teoria interacionista de Wallon, relacionando o meio com progresso individual. A pesquisa é de abordagem qualitativa, tendo sido realizada uma análise explicativa sobre a influência da inserção da disciplina na formação da criança, que é parte integrante do primeiro ciclo. Ao fim do levantamento de dados, percebeu-se a necessidade de apoderamento das bases de neurociência no tocante ao corpo escolar da educação infantil e a importância dos estímulos sensoriais durante os picos sinápticos da criança, convalidando o estudo sobre natureza e sociedade como algo relevante tendo em vista a demanda formativa de apropriação do contexto e valorização do indivíduo enquanto agente histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Educação infantil, Formação cognitiva, Natureza e sociedade.

INTRODUÇÃO

A partir do seu nascimento, a criança inicia o processo de formação cognitiva, a construção da aprendizagem propriamente dita por conta das alterações neurológicas celulares elétricas e químicas, que nos primeiros anos de vida são asseguradas pela efusão das conexões sinápticas. Os aspectos comportamentais inseridos no sistema de regulação das funções corporais também são desenvolvidos nesse ínterim e ambas as estruturas potencializam-se uma vez inseridas dentro de uma lógica interacionista que une as propriedades elétricas dos neurônios, a hereditariedade e o ambiente onde o indivíduo está envolto. A teoria do desenvolvimento cognitivo de Wallon (2007) é a base de compreensão desse processo formativo, sendo dividida em cinco fases: o impulsivo-emocional (primeiro ano de vida), o sensorio-motor e projetivo (até os três anos), o personalismo (ocorre dos três aos seis anos), o categorial e predominância funcional. Em função do enfoque no desenvolvimento cognitivo na educação infantil, só os três primeiros estágios serão contemplados, durante o desenrolar desse artigo.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Adventista da Bahia, barbaararalves@gmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Adventista da Bahia, abigailsantosdbv@gmail.com

³ Professor orientador: Doutora em educação, Faculdade Adventista da Bahia- BA, prof.danielareis@gmail.com
(83) 3322.3222

As primeiras noções de mundo, engatinham em conjunto com o desenvolvimento pessoal e identitário, a influência dos laivos culturais, o discernimento sobre o ambiente e suas esferas de estabelecimento, que flutuam entre os níveis macro, meso e micro, as percepções de sociedade, as bases diplomáticas para a convivência social e os conhecimentos iniciais que são efervescentes nos primeiros anos escolares, todas essas questões, apetezem a curiosidade pedagógica sobre o núcleo formativo da criança.

Repensar o modelo de educação para criança dentro de um viés interacionista consiste em respeitar a estrutura e o desenvolvimento biológico, maximizando esse processo através do espaço onde esse indivíduo está inserido. A natureza é introduzida com uma dupla funcionalidade pois, ela é palco de discussões sobre o movimento climático, o desequilíbrio e os efeitos reversos por causa da intervenção humana de modo descabido. Nesse sentido, a promoção do pensamento crítico na criança é fornecida através do subsídio vinculado a autonomia para que a mesma compreenda que está inserida em um contexto onde ela é agente atuante e que suas ações tem consequências atreladas. O investimento educacional nas noções básicas de meio ambiente, incluem para além das questões ecológicas. Resgatam a importância da preservação, como uma responsabilidade social e do indivíduo e interliga valores que reverberam a nível local e global. A promoção, dentro das escolas, dos quesitos supracitados, concordam com as experiências literárias do médico e educador Decroly (1983), de forma parafraseada, afirma que as crianças aprendem o mundo base em uma visão do todo, posteriormente podendo se organizar em partes, ou seja, do caos à ordem.

A inserção da criança em um ambiente enriquecido é um aporte que não pode ser negligenciado, por possibilitar uma apropriação mais significativa do conteúdo, uma vez articulado com os conhecimentos prévios da criança, contribue para o processo de evolução das suas sinapses neurais e as fases de desenvolvimento. Essa pesquisa propõe-se a avaliar a necessidade de imersão da comunidade escolar no tocante a neurociência, sobretudo o corpo escolar inserido na educação infantil, uma vez que a compreensão dos limites e possibilidades da criança, enquanto sujeito cognocente potencializaria o processo de ensino-aprendizagem. Tudo isso iniciado pela temática natureza e sociedade que concerne a viga de interpretação prática para a teoria interacionista de Wallon contributo principal do presente artigo, considerando assim o desempenho desse processo de inserção da disciplina e a sua importância para a vida escolar e cotidiana do aluno. Além, da emergente necessidade de uma multidisciplinaridade em prol dos avanços da educação, no tocante a educação infantil, os campos de experiência tentam suprir essa emergência, retirando as barreiras do currículo disciplinarizado que é introduzido no fundamental, atenuando essa estrutura taxativa e

segmentada para uma melhor apreensão e produção eficaz do conhecimento. Desse modo, considero significativa essa pesquisa validando que a instrumentalização no processo de ensino-aprendizagem deve ser permanente, para um progresso saudável nas etapas de educação, sendo fundamental que a difusão do conhecimento na primeira etapa para seja estruturante e não preparatória. Legalmente a parametrização do conteúdo de Natureza e Sociedade é discriminada no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e o corpo literário desse artigo será feito a partir de uma pesquisa qualitativa, que expandirá os levantamentos já feitos nessa seção de modo introdutório.

METODOLOGIA

O processo de pesquisa circunda uma análise investigativa sobre os reflexos do componente natureza e sociedade na formação da criança, sob o aspecto cognitivo. A pesquisa foi iniciada a partir do levantamento de dados sobre o assunto, tendo três palavras chaves geradoras da composição estrutural do texto, são elas: cognição; natureza e sociedade; educação infantil. Essa linha de raciocínio surge considerando que a influência só acontece, uma vez que a cognição esteja em desenvolvimento e que a criança seja compreendida enquanto um ser em profusão sináptica conduziu a problemática regente do artigo: estando a criança inserida num contexto natural e social, qual a influência escolar que a disciplina de natureza e sociedade pode ter nesse sujeito?

Nesse sentido, a teoria das fases de desenvolvimento de Wallon que imprimem uma teoria interacionista unindo a progressão cognitiva e a interação com o meio como um processo benéfico, centrada na psicogênese da pessoa de modo integral, foi a base para a compreensão da necessidade de um aporte que favoreça esse desenvolvimento, dentro do ambiente escolar e a inserção da disciplina natureza e sociedade poderia suprir essa vacância. A abordagem escolhida é a qualitativa que se preocupa em ter uma visão específica do objeto que está sendo investigado, seu interesse primordial é avaliar e compreender os fenômenos que estão em seu contexto de investigação. Essa abordagem foi escolhida porque está em harmonia com a natureza bibliográfica da pesquisa.

Por meio de uma pesquisa explicativa e bibliográfica procuramos investigar os reflexos disciplinares que a temática natureza e sociedade produzem durante o processo de formação e desenvolvimento da criança. A pesquisa explicativa como o nome sugere se propõe a explicar algo a partir de um levantamento de dados, nesse caso pensando na educação infantil como um subsídio de possibilidades para a ampliação do conhecimento, viabilizando esse processo a partir da inserção da temática natureza e sociedade.

FORMAÇÃO COGNITIVA INICIAL

A complexidade que envolve o desenvolvimento cerebral é iniciada ainda no período do pré-natal, a fase embrionária é um dos pilares para a fundação definitiva desse órgão e os estímulos que são apresentados nesse meio tempo marcam uma qualidade ou deletério na constituição do cérebro. A citoarquitetura cerebral considera um intervalo entre a concepção do novo ser e o seu primeiro ano de vida para que seja concluída, sendo que a nutrição de cada criança não só no aspecto físico, mas também no cultural evidencia a ação dos estímulos e experiências na construção da rede neural desse cérebro em crescimento, esse processo engloba conjuntamente a hereditariedade, as vivências, meio ambiente, mas sobretudo a inteiração entre as partes (SHOKKOFF; PHILLIPS, 2000). Em resposta aos estímulos ambientais os neurônios formam ligações eletroquímicas, as sinapses, que orientam a maturação de algumas habilidades da formação do indivíduo em questão, dentro dos períodos críticos, que são graus de plasticidade cerebral suscetíveis a entradas de estimulação sensorial em prol do amadurecimento de sistemas neurais mais desenvolvidos, ou seja são abertas “janelas de oportunidade” específicas na rede sináptica.

As cores, movimentos, sons e a afetividade são estímulos sensoriais básicos e fundamentais na primeira infância (de 1 aos 3 anos), considerando que há a partir dessas estimulações um efeito direto na solidez dessas sinapses não lineares, por fortalecer e aumentar a longevidade sináptica e refletir no desenvolvimento do cognitivo acelerado, a negligência desse processo de regulação tem uma relação inversamente proporcional reduzindo as chances da criança ir bem na escola, causada por exemplo por um possível déficit no sistema emocional, sendo muito mais difícil a mudança dessa condição, posteriormente. Wallon (2007), que assinala a descontinuidade do desenvolvimento, valida que essas rupturas e reconstruções só podem ser efetivas a partir da interação entre o sujeito e o ambiente, compreendendo que o progresso na aquisição da inteligência depende das experiências oferecidas pelo meio e do grau de apropriação que o sujeito faz delas. No primeiro estágio de Wallon, o impulso-emocional o primeiro ano de vida da criança apresenta uma fase onde a atividade cognitiva e afetiva são indiferenciadas, sendo predominantes as relações emocionais com o ambiente inserido.

Segundo a lógica supracitada, é essencial que o ambiente forneça uma estrutura enriquecida para o sujeito cognocente, esse aporte estrutural não necessariamente significa a inserção de brinquedotecas monumentais ou que exija a reconfiguração desse ambiente onde essa criança se desenvolverá com base em modelos utópicos de ludicidade, requer apenas um espaço dinâmico que possibilite liberdade e forneça subsídios básicos como diferentes

portadores textuais, objetos com formas e cores variadas, suplementado por uma condução afetiva dos responsáveis em relação ao indivíduo. Os ambientes carentes desses estímulos sensoriais, ou de contatos sociais geram um retardamento na constituição das habilidades de andar, falar e podem provocar distúrbios emocionais e cognitivos (O'CONNOR et al, 1999).

Os reflexos da construção de sinapses baseada em experiências prazerosas são sentidos na qualidade do raciocínio, na regulação das funções corporais e até na habilidade de respostas, as manifestações do comportamento fazem parte dos circuitos neuroendócrinos e neuroimunes do cérebro e não desassociado disso está o desenvolvimento da aprendizagem, que é sinteticamente um mecanismo de memória. Validando o fato de que o cérebro recebe continuamente informações, via órgãos sensórias e que essas novidades se “ancoram” nas informações precedentes em algum lugar do cérebro da criança, a hereditariedade é um fator que influencia nas predisposições iniciais desse indivíduo e esse não é um discurso que colabora com o arquétipo do “pequeno gênio” essa é uma categoria não taxativa, ou seja o embarco hereditário que a criança traz pode ou não ser determinante na sua construção enquanto indivíduo, mas são essas as informações embrionárias que inicialmente que o cérebro comporta, o que harmoniza com o pensamento de Piaget, trazido por Freitas:

O conhecimento não procede nem da experiência única dos objetos nem de uma programação inata pré-formada no sujeito, mas de construções sucessivas com elaborações constantes de estruturas novas" (PIAGET, 1976 apud FREITAS 2000:64).

A família é mais um dos pontos de validação da teoria interacionista, pensando no “capital cultural” (BORDIEU, 1997), se entende que cada criança coleta uma bagagem fomentada pela forma de vida da sua família, o meio nesse caso é o que garantirá novas informações “âncora” para o indivíduo em sua fase preambular. Compreender que cada um é um agente histórico, torna cada vida passível de modelação individual e a influência no seu contexto de modo geral é inevitável, por isso se faz necessária a intervenção escolar sobre a pauta natureza e sociedade, sobretudo na educação infantil onde as “janelas de oportunidade” estão latentes, exercendo a prática da produção de conhecimento considerando o contexto e colocando a criança como central nessa lógica, viabilizando a inicial sedimentação da autonomia e criticidade, falaremos mais sobre isso na próxima seção.

NATUREZA E SOCIEDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para que a criança perceba-se como indivíduo, é importante que ela seja levada, primordialmente, a compreender-se como sujeito histórico e parte integrante de uma sociedade.

Esse indivíduo deve ser visto como um ser em construção, alguém que a todo momento está suscetível a mudanças, sendo portanto um sujeito em formação que de modo embrionário tem se constituído socialmente e estabelecido conexões, vivenciado experiências e criado laços ou formas de convívio com tudo que a cerca. As relações que a criança inaugura variam de acordo com o ambiente, pessoas e estímulos, quanto mais enriquecedor for o ambiente em que a criança está inserida melhores e maiores serão suas possibilidades de aprendizagens e sua ascensão e desenvolvimento enquanto indivíduo em construção. Etimologicamente, a palavra “ambiente” que é de origem latina, significa “aquilo que cerca ou envolve os seres vivos ou as coisas; por todos os lados; é o conjunto de condições morais e materiais que envolve alguém”. Tendo conceituado tal verbete, podemos identificar a presença do ser humano como referencial praquilo que é considerado ambiente e que o seu bom funcionamento implica no desempenho próspero da vida humana, os fatores que influenciam, quer sejam sociais, morais, escolares ou psicológicos provêm de diferentes ambientes.

Partindo do pressuposto que a criança enquanto sujeito presente em uma sociedade que exerce influência sobre ela, encontramos de acordo com esse ideal o segundo estágio da teoria de Wallon (2007) onde ele sustenta a ideia em que a criança passa por uma fase denominada sensório-motor e projetiva, aqui o mundo externo irá prevalecer sobre os fenômenos cognitivos da criança e virá a exercer influência direta no desenvolvimento desta de modo que a criança passa a ter picos de desenvolvimento como parte relevante nesse processo. O desenvolvimento do pensamento e das percepções em combinação com o espaço escolar, fomenta a essa estrutura a responsabilidade de ampliar os estímulos já que cumpre uma parcela do papel formativo da criança, a compreensão disso enxerta a necessidade de uma parametrização dentro da sua proposição curricular, com isso a disciplina de natureza e sociedade é introjetada como palco de possibilidades para as constituições mentais, a aquisição de habilidades específicas e a formulação crítica do pensamento.

Os temas geradores do componente curricular, permeiam a natureza e suas dimensões no seu sentido mais amplo, onde abarca os fenômenos do mundo físico e a vida em geral, estudando majoritariamente itens que não foram construídos pelo homem e a associação com a sociedade considera a intervenção humana no curso natural impossível de se negar. A compreensão de que os efeitos estão atrelados as ações não é uma variável e as disfunções naturais e alterações ambientais, não devem ser mencionadas apenas para que aja uma responsabilização, mas devem ser inseridos porque apesar da irreversibilidade de alguns desses desastres, a solubilidade desse caminho tortuoso só é viável se for iniciada com o tom de conscientização, entendendo que se é responsável pelo espaço que ocupa e que uma ação

individual pode ser suficiente para causar problemas coletivos, mas o contrário também é verdade, o desenvolvimento de uma consciência sustentável mesmo que só possa ser executada na esfera individual os efeitos são involuntariamente direcionados ao coletivo, a sociedade. A relação saudável entre natureza e sociedade só consegue ser exequível se for de fato bem apropriada pelos agentes dessa mudança e os modos de inteiração abrangem novas perspectivas além do indivíduo com o meio, as peculiaridades desse contexto de inserção, como aos moldes contemporâneos, a inevitável tecnologia e as suas dimensões megalomaniacas.

Quando se trata de discutir a questão ambiental, nem sempre se explicita o peso que realmente têm essas relações de mercado, de grupos de interesses, na determinação das condições do meio ambiente, o que dá margem à interpretação dos principais danos ambientais como fruto de uma “maldade” intrínseca ao ser humano. (PCN, 1997, p.173)

Assim partimos do contexto em que é necessário apresentar a criança um mundo de vivências reais, de fato considerar onde estão inseridos e não pautar a relação de ensino dentro de uma categoria idealizada de mundo e a criança deve compreender que pode ser ela um contributo positivo em prol da melhoria do mundo, ao menos do seu próprio. Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, é um objetivo essencial a ser alcançado pela disciplina, de modo que o professor deva agir como propulsor, viabilizando estratégias com o intuito de ampliar o contingente da criança e aproximando esses temas a realidade desses indivíduos.

Como já dito anteriormente, a criança está sujeita a interagir com o ambiente em que está inserida (VIGOTSKY 1987), nesse caso se o professor oportunizar momentos de contato com a natureza o ensino se tornará mais prático e vívido, a criança por si é apetejada por sua curiosidade, demonstrando um apetite pela descoberta do novo, sendo assim esse intercâmbio entre a teoria e a prática, favoreceria momentos de aprendizagem significativos. O conceito do meio natural sendo o verdadeiro material intuitivo capaz de estimular forças escondidas da criança (DECROLY,1983), torna a observação e exploração do meio constituintes das principais possibilidades de aprendizagem das crianças, pois proporcionam experiências concretas indispensáveis, tanto ao desenvolvimento intelectual quanto ao afetivo. O ensino da temática reforça a importância do estabelecimento de meios de compreensão para que a criança entenda que possui uma função social diante do meio que se encontra e por ser também ser relevante a prática atitudinal pode ser um aporte para a construção de suas noções iniciais de respeitabilidade, assim também a compreensão de como lidar com as demandas sociais.

O funcionamento da educação infantil no Brasil, traz os campos de experiência como uma possibilidade de imersão no conhecimento a partir da experimentação, é uma lógica não disciplinarizada e apesar de não ter caráter de currículo viabiliza uma construção ressignificada

do relacionamento entre o sujeito cognocente e objeto de conhecimento. A educação infantil sendo parte inicial da formação da criança, tem como finalidade conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) N° 9394/96 o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, como complemento da ação da família e da comunidade. Para que a criança estabeleça relações entre o seu mundo e as pessoas que a cercam é importante que o ambiente ao qual ela se encontra favoreça esses momentos. A defesa da educação onde o ensino é centrado no aluno, preparando o mesmo para a vida em sociedade e a condução autônoma no seu aprendizado (DECROLY,1922) coloca o professor na posição de mediador, um auxiliador durante processo de aprendizagem promovendo um ensino relevante, com metodologias ativas que ensinem o aluno a aprender e que apeteça sua curiosidade de modo que o viabilize a promoção de um senso crítico e questionador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreender a influência da disciplina natureza e sociedade na construção psicogenética e cognitiva da criança exigiu um esforço teórico, sobretudo da teoria de desenvolvimento wallonista, o que a partir do viés interacionista conclui sobre a necessidade de um meio enriquecido em prol do progresso individual. Na criança esse é um aspecto que quando não valorizado no ambiente onde a criança está inserida e apresenta em contrapartida características carentes de estímulos sensoriais, atenua as possibilidades de avanço que corroborariam com as latentes proliferações sinápticas, fervilhantes nos primeiros anos de vida. A possibilidade dessas “janelas de oportunidade” serem podadas por causa dessas eventuais negligências, apresenta indícios da necessidade de apropriação do corpo escolar no tocante as bases da neurociência, compreendendo assim quais são as lacunas torna as demandas visíveis e subsidia um processo melhorado de ensino-aprendizagem.

A inserção da criança no processo de educação formal, nos anos iniciais fortalece a necessidade supracitada e indica também a importância do espaço escolar no caráter formativo da criança, por causa dessa deferência inclusive há um cuidado em viabilizar uma temática que abranja aspectos que abracem as ciências naturais e humanas, agregando o desenvolvimento do letramento científico a habilidade de interpretação e transformação do mundo físico, social e tecnológico. A disciplina intitulada natureza e sociedade surge com esse intuito de promover a lógica da criança enquanto agente histórico capaz de atuar no e sobre o mundo e os campos de experiência permitem que se repense a forma de acesso ao conhecimento redirecionando os principais processos educacionais tradicionais aos moldes da experimentação que torna significativa e promove uma ampliação do pensamento, nesse caso sobre os meios social e

natural. Essa possibilidade de apropriação do conhecimento, o torna menos rígido e mais pessoal, não se espera por exemplo que práticas ambientais sejam reproduzidas, mas que uma consciência sustentável seja produzida e ainda suscita no referente a imersão social, uma incorporação com a realidade da criança, a comunidade escolar, os seus responsáveis, tornando a constituição da compreensão de que existem esferas macros mais simples, uma vez que é significativa a inserção pessoal, enquanto indivíduo na camada micro.

Considerando que durante a etapa da construção cognitiva da criança tudo que a cerca gera influência sobre seu processo de formação, bem como as ações exercidas por ela e pelos indivíduos que a cercam, as características do meio como também as vivências por elas praticadas ajudarão a constituir um sujeito crítico e pensante, com capacidade de argumentar sobre algo e tomar posição. É válido que as crianças contatem os mais diversos acontecimentos do mundo e sejam instigados a compreendê-los e tenham modos de representá-los para que se os tornem significativos, a disciplina de natureza e sociedade também ecoa o delineamento cidadão desses indivíduos, pensando na formação de valores, uma abordagem atitudinal e atuando na promoção de uma consciência socioambiental repensando a sociedade como um todo, considerando o local e o global.

Por isso, a teoria interacionista e a validação da importância do espaço de inserção infantil na solidificação de algumas categorias neurais, a influência da temática na criança é enorme, uma vez que atinge aspectos de prospecção para a compreensão da mesma como indivíduo que comporta cargas do passado, é parte integrante do presente e agente contínuo de transformação do futuro entre todas as suas esferas de participação, inevitavelmente imersas nos aspectos naturais e sociais. Para que aja uma aplicabilidade efetiva desses saberes na educação infantil formal, a compreensão sobre os fundamentos de neurociência cognitiva são essenciais, na prática docente já que só é possível repensar como se educa quando se entende como se aprende e a junção entre esse aporte bem estabelecido e um contato mais vivencial com o objeto de conhecimento, maximiza o significado da educação nos períodos iniciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente artigo permitiu uma compreensão mais ampliada sobre a influência da disciplina de natureza e sociedade na formação psicogenética e cognitiva da criança do primeiro ciclo. E a resposta a essa problemática é iniciada pensando os processos biológicos de desenvolvimento cognitivo, as bases de neurociência são o pressuposto que delineiam o entendimento das redes sinápticas que são desenvolvidas ainda envoltas num processo embrionário, mas apesar de não lineares são efusivas especialmente durante os

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

primeiros anos de vida, a produção do conhecimento inicialmente também considera quais as bases hereditárias dessas crianças em questão e a união entre essa logística biológica e a influência do meio no desenvolvimento cognitivo é o que abre espaço para a teoria base desse estudo, a teoria interacionista de Wallon que unifica e valida essa junção como benéfica.

A inserção dessa criança no primeiro estágio da educação formal, faz do espaço escolar responsável por subsidiar a continuidade do aproveitamento das “janelas de oportunidade” neurais e para contribuir nessa tarefa, a disciplina de natureza e sociedade que visa potencializar e dar sequência a essas aprendizagens. É importante perceber ao longo dessa caminhada, a importância que tanto a natureza quanto a sociedade tem no auxílio, crescimento e desenvolvimento das crianças, que inicialmente estão aprendendo a perceber o mundo como ele é, e a como conviver com as mais variadas situações que esse mundo demonstra. Existem constantes e significativas mudanças nos ambientes ocupacionais que são compartilhados por adultos e crianças e possibilitar a ressignificação desses eventos contribui para o crescimento intelectual da criança estimulando as suas perscrutações de hipótese e capacidade de representação, isso influi na solidificação do seu aporte sináptico, os estímulos devem ser constantemente renovados para que não aja a poda em suas prospecções sinápticas. Na construção desse artigo, foi possível perceber que a soma entre as aberturas de oportunidade neurais, associadas a estímulos que maximizassem a exploração do meio e viabilizando a experimentação do objeto de conhecimento, torna inevitável a aprendizagem significativa.

Compreender que o corpo docente, especialmente os que lidam mais diretamente com a educação infantil, deve estar instrumentalizado com informações básicas sobre como o cérebro da criança aprende, abre por sua vez uma série de outras questões que não foram abordadas no presente artigo e a própria influência da afetividade ou a carência dela e os possíveis efeitos dessa situação, são questões com respostas em aberto que podem ser elásticas dentro da comunidade científica, que pode viabilizar novas formas de pensar o aporte cognitivo da criança imersa na educação infantil, além da presente contribuição.

REFERÊNCIAS

BARTOSZECK, Amauri Betini; BARTOSZECK, Flavio Kulevicz. Neurociência dos seis primeiros anos: implicações educacionais. **EDUCERE. Revista da Educação**, v. 9, n. 1, p. 7-32, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Capital cultural, escuela y espacio social**. Siglo xxi, 1997.

CARVALHO, F. A. H. de; NOVO, M. S. Aprender como aprender: otimização da aprendizagem. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, V. 31, n. 2, 2005.

DECROLY, Ovide; MONCHAMP, Eugéne. **El juego educativo: iniciación a la actividad intelectual y motriz**. Ediciones Morata, 1983.

DA SILVA, João Alberto; FREZZA, Júnior Saccon. A construção das noções de espaço e tempo nas crianças da Educação Infantil. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 15, n. 1, 2010.

KANDEL, E. **Principles of Neural Science**. NY: McGraw Hill, 2008.

LÓPEZ, N. E. L. **O sentido da educação sensorial no pensamento pedagógico de Ovídio Decroly a partir da concepção de corpo e educação**. Tese de mestrado - Universidade de Antioquia, Medellín. 2014.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da educação**, n. 20, p. 11-30, 2005.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski: a relevância do social**. Summus Editorial, 2015.

PIAGET, Jean. **A psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

ROLIM, Amanda Alencar Machado; GUERRA, Siena Sales Freitas; TASSIGNY, Mônica Mota. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Revista Humanidades**, v. 23, n. 2, p. 176-180, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **The collected works of Vygotsky: Problems of the theory and history of psychology**. Epanha: Springer, 1997. 426p.

Wallon, H.; Berliner, C. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 208 p

.